

## MEDIAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA FORMAÇÃO CONTINUADA: FOCO NAS TECNOLOGIAS DE LINGUAGENS AUDIOVISUAIS

GOMES, Maria Amábia Viana<sup>1</sup>

### Resumo:

O artigo destaca a importância da utilização e integração das tecnologias audiovisuais: TV, DVD e\ou Datashow como possibilidade de proposta pedagógica no processo ensino e aprendizagem. Ressalta a relevância da mediação do trabalho pedagógico realizado pelos coordenadores com os professores, a fim de fomentar a formação continuada e a discussão sobre o papel do professor na sociedade do conhecimento. A pesquisa tem abordagem qualitativa, foi realizada numa escola pública estadual, de Ensino Fundamental I e II, na cidade de Maceió, com 03 professoras de diferentes áreas curricular, 02 coordenadoras pedagógicas e 01 gestora. Os instrumentos da investigação foram pesquisa bibliográfica, observação das aulas, e o questionário aplicado aos sujeitos acima citados. O resultado da pesquisa ressalta a relevância da formação continuada, que o gerenciamento das tecnologias só será possível a partir da participação e envolvimento dos atores sociais (docentes, coordenadores e gestores) sujeitos que estão articulando o fazer pedagógico na escola, para que reflitam as práticas pedagógicas, compartilhem saberes e socializem experiências.

**Palavras-chave:** Formação de Professor; Tecnologia da Informação e Comunicação; Mediação Pedagógica.

---

<sup>1</sup> Pedagoga; Pós-graduada em Coordenação Pedagógica do Ensino Fundamental e Médio; Mestra em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas; Docente do Curso de Pedagogia de Instituição de Ensino Superior; Coordenadora Pedagógica de escola pública municipal; Professora dos cursos de Letras e Ciências Biológicas na modalidade da Educação a distância do Instituto Federal Tecnológico de Alagoas – IFAL/UAB - Email: amabiaviana@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Minha presença como pesquisadora em duas escolas públicas para realizar uma investigação das práticas pedagógicas dos professores que participaram de um curso de formação em tecnologias de linguagens audiovisuais me levou a verificar que, no cotidiano da escola, mesmo tendo a televisão, vídeo e o DVD em funcionamento, poucos professores os exploravam e alguns os utilizavam de forma inadequada.

Foi constatado no decorrer da pesquisa, através de entrevistas com coordenadores e docentes, que as dificuldades para realizar reuniões, encontros pedagógicos e momentos para departamentos eram empecilhos. Em uma das escolas investigadas, podemos afirmar a inexistência desses encontros entre coordenadores e professores para discutir o planejamento, socializar ideias, compartilhar desafios, fomentar o enriquecimento das atividades a serem desenvolvidas na sala de aula, utilizando as tecnologias que a escola dispunha (TV, DVD, Vídeo e Microssistem), enfim propor discussão sobre o papel do professor na sociedade do conhecimento, uma vez que os jovens estão conectados com as diversas TIC fora da escola.

Os educadores das escolas públicas se deparam com inúmeros desafios no cotidiano escolar e, às vezes, não se percebem; estão contagiados, contaminados pelos problemas e ficam inertes, em estado de descrédito, refletindo essa postura no planejamento e consequentemente na sala de aula.

É inegável não reconhecer os desafios que cercam os profissionais da educação que realizam suas atividades em escolas públicas; entretanto, é fundamental alertá-los sobre as perdas que tanto eles quanto os discentes têm, quando o processo ensino e aprendizagem se torna estático, desprazeroso, distante dos interesses e necessidades do aluno. É preciso refletir sobre como está ocorrendo esse processo, a forma como está sendo planejado e articulado, se o que está sendo oferecido é significativo para os discentes.

O papel do professor na sociedade da informação e do conhecimento, conforme Alarcão (2003, p. 30), é “criar, estruturar e dinamizar situações de aprendizagem e auto-confiança [sic] nas capacidades individuais para aprender”.

O professor precisa e deve ser um pesquisador de sua prática pedagógica, buscar e criar situações que favoreçam a aprendizagem dos seus alunos e estar permanentemente aprendendo, sintonizado com as informações que ocorrem no mundo, utilizando-se das mídias disponíveis para produzir o conhecimento.

É necessário, ainda, ter a compreensão crítica da importância da inserção da TIC, e, principalmente, provocar discussão sobre aquelas que são acessíveis à população, como a televisão, que é um meio de comunicação de massa. O professor precisa perceber o olhar que os alunos têm a partir das TIC para se comunicarem com as demais pessoas e compreender a relevância de sua intervenção para auxiliá-los a se desvelarem, ler criticamente as linguagens audiovisuais, bem como saber utilizá-las a seu favor no processo ensino e aprendizagem, favorecendo a construção da cidadania do educando.

## **ARTICULAÇÃO DO COORDENADOR NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DOCENTE**

Entendemos que todo educador deve ser um pesquisador, pela necessidade de conhecer, aprender e produzir conhecimento, a fim de sair da consciência ingênua<sup>1</sup>, da mobilidade. “Na ingenuidade, que é uma forma “desarmada” de enfrentamento da realidade, apenas olhamos; e, porque não admiramos, não podemos adentrar o que é olhado, não vendo o que está sendo olhado” (FREIRE, 1979, p. 44). Dessa forma, não há compreensão e conseqüentemente compromisso com a realidade. Assim, o indivíduo mobilizado pelos conflitos, pelos desafios, pelos temores não intervém para transformar a realidade.

O processo de construção da consciência crítica do educador leva-o a fundamentar-se, a construir suas teorias a partir da prática pedagógica e a formular propostas para intervir no contexto no qual está inserido.

A produção do conhecimento é fundamental para a práxis ocorrer; só a consciência crítico-reflexiva impulsiona, inquieta, para a transformação. Fazendo essa reflexão, retroagimos ao período em que desenvolvemos nossa pesquisa nas duas escolas públicas e ao olhar de “fora do contexto”, buscando compreender sua dinâmica e as ações dos atores sociais envolvidos, percebemos a importância do gestor e principalmente do coordenador pedagógico para articular as ações junto ao corpo docente.

Evidentemente, essa afirmação não é novidade; porém, pertencendo ao quadro do ensino público como coordenadora, “o olhar de longe”, como pesquisadora, fez-nos perceber como alguns profissionais são tragados pela dinâmica da escola, envolvidos nos conflitos, oriundos de várias situações, do que na busca de criar situações diferentes que pronunciem a vida, a alegria, o prazer. Imersos nesse processo, esses atores sociais não conseguem perceber as diferentes conjunturas e fazer o diferente com resultados mais positivos.

Nesse processo, a atuação do coordenador pedagógico é relevante e faz diferença. Mediar as ações junto ao gestor para criar condições da formação continuada ocorrer na escola, promovendo a realização de momentos de encontro pedagógico, não apenas com finalidade de discutir as questões efervescentes que ocorrem no interior da escola, porém com objetivo de buscar e propiciar momentos de estudos, troca de saberes entre os profissionais, provocar reflexões sobre a prática pedagógica, levar o/a professor/a a se perceber e a sentir-se parte fundamental desse processo. Tudo isso é proeminente para que o processo ensino e aprendizagem ocorra de forma diferente, enriquecedora, em que todos ganham, professores, alunos e comunidade.

Souza afirma (2003, p. 27):

A necessidade da formação contínua do professor é uma realidade que o coordenador pedagógico tem de enfrentar. Digo “enfrentar” porque é dele a função de formar esses professores dentro da instituição em que atua, e sabemos que a formação contínua é condição para o exercício de uma educação consciente das necessidades atuais dos alunos que frequentam [sic] a escola.

O coordenador pedagógico deve propiciar a formação em serviço, planejando a partir dos interesses dos professores e sugerindo novas temáticas, considerando as exigências da sociedade contemporânea diante das transformações tecnológicas, científicas, econômicas e sociais.

A seu favor, para as formações, a Coordenação Pedagógica tem, hoje, as diferentes mídias. É certo que a maioria das escolas públicas brasileiras ainda não possui laboratório de informática, porém, várias escolas conseguiram comprar computadores oriundos do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), além de TV, DVD e\ou Datashow. Reafirma-se, desse modo, que essas mídias têm grande importância no contexto escolar, desde que professores, coordenadores pedagógicos e gestores saibam explorar o potencial que delas podem usufruir.

O coordenador pedagógico, ao provocar reflexões no professor sobre a incorporação das TIC no processo ensino e aprendizagem, auxiliará o docente a rever a forma de planejar suas aulas, problematizando situações, levantando várias questões: de como ele lida e se coloca diante das TIC? Como encara o saber do domínio tecnológico dos alunos que por vezes é maior que o dos professores? De que forma pode utilizar as mídias para atingir os objetivos propostos em sua disciplina? Como articular pela TV, DVD e\ou Datashow as informações de maneira interdisciplinar? O que levar em conta ao escolher um filme, documentário ou outros recursos para trabalhar com seus alunos? Como preparar os alunos para serem leitores críticos da mídia televisiva?

Há uma série de questões que devem ser analisadas e refletidas para auxiliar no planejamento da aula. Só a partir de um trabalho sistemático, planejado, organizado e mediado pelo coordenador pedagógico, com auxílio dos gestores, através da formação continuada, é que as mídias serão incorporadas no projeto político pedagógico. Atividades desenvolvidas individualmente, isoladamente, não mostram que a escola tem incorporado no seu cotidiano as mídias como maneira de fomentar a educação ou como estratégia para favorecer, enriquecer e tornar o processo ensino e aprendizagem significativo.

Faz-se necessário desenvolver um processo de discussão coletiva na escola, um trabalho que implique reorganização das ações no contexto escolar, participação, colaboração, ajuda mútua, desde o fato de os professores descobrirem juntos como manusear DVD e\ou Datashow, como aprender a ligar, preparar slides para apresentação a fim de realizar trabalhos interdisciplinares, desenvolvendo projetos ou temáticas, utilizando as mídias em que professores e coordenadores articulem juntos o processo. Com isso, torna-se necessário que o professor observe, acompanhe e crie estratégias para que os alunos se posicionem sobre as mídias, principalmente a televisão, que é um veículo de fácil acesso a população.

Para Orsolon (2003, p. 23):

Propor ao professor uma prática inovadora é uma tarefa desafiadora para o coordenador, porque conduz a um momento de criação conjunta, ao exercício da liberdade e às possibilidades efetivas de parceria. Acompanhar esse trabalho possibilita desencadear um processo de reflexão na ação (formação continuada) durante o qual o professor vivencia um novo jeito de ensinar e aprender e, mediante essa nova experiência, revê sua maneira de ser e fazer, pois a inovação incide em sua pessoa e em sua atividade profissional.

Ao propor uma prática pedagógica diferente, com situações novas, o coordenador pedagógico precisa estar junto ao professor, acompanhá-lo, ajudá-lo a pensar e criar situações de aprendizagens, auxiliá-lo a refletir sobre e na prática pedagógica.

Podemos ter como referência para exemplificar um grupo de professores que não inseriu em sua prática a utilização das tecnologias audiovisuais e o coordenador incentiva; esse estímulo precisa ser provocador no sentido de levar o professor a refletir sobre a relevância e as possibilidades do uso da televisão, do DVD e\ou Datashow como ferramentas pedagógicas. É imprescindível criar espaços de discussão, propiciando questionamentos sobre a importância de o educando aprender a fazer a leitura crítica das mensagens televisivas. Nesse sentido, apresentam-se as indagações: como a escola pode se aproximar do educando, de sua realidade ou de seu imaginário, utilizando a televisão? De que forma a exploração dessas mídias no uso pedagógico desenvolve o senso crítico e criativo no educando? Essas e outras questões precisam ser fomentadas na formação continuada, pelas experiências socializadas, atividades que utilizam as mídias desenvolvidas pelos próprios professores para que eles vivenciem o processo e se sintam contagiados. Isso é importante para que esses profissionais possam compartilhar com os educandos novas formas de ensinar e aprender, compreendendo que “... tecnologia é, antes, uma mudança no fazer que freqüentemente [sic] embute uma correspondente mudança de concepção” (SARMENTO, 2004, p. 65).

Buscar e introduzir novas formas de se relacionar com as tecnologias, explorando suas potencialidades, podemos dizer que é o mesmo que o professor concebê-la como cultura, processo de criação, como possibilidades de realização de novas leituras do mundo. Tem-se, assim, a educação como um processo contínuo de aprendizagem, a qual articula escola e mundo, tendo o foco no educando, como sujeito construtor e transformador da história.

Ao salientarmos a gestão das tecnologias na escola, importa afirmar que esta ocorre a partir do envolvimento de todos os segmentos, tendo o gestor e o coordenador pedagógico como sujeitos articuladores e fomentadores das mudanças na escola. Essas modificações só acontecerão na medida em que houver um trabalho sistemático, planejado, reflexivo, em que os atores envolvidos participam da construção e concretização do projeto político pedagógico da escola, inserindo nele a tecnologia. Dessa forma, será oportunizada à comunidade escolar condições de acompanhar e fazer parte do desenvolvimento tecnológico e de todas as potencialidades que as TIC podem oferecer, se exploradas dentro de uma abordagem educacional que considere o sujeito como centro do processo.

Sobre o gerenciamento das tecnologias na escola, Almeida (2006, p. 153) ressalta:

O gestor agora tem uma nova e múltipla incumbência. De um lado, disponibilizar o uso das modernas tecnologias à sua escola para o seu uso pedagógico para professores e alunos e para suporte à biblioteca ou às pesquisas. De outro, habilitar-se para apropriar-se deste instrumental tecnológico para administrar a gestão da escola de forma eficaz e partilhada. O seu desafio é equilibrar-se entre as exigências da administração das contas, manutenção dos espaços escolares, do planejamento estratégico, da relação com a comunidade, da prestação de contas às secretarias de educação, do registro da memória de sua escola, da comunicação ágil com os pais e autoridades e da gestão pedagógica do processo de ensino aprendizagem, avaliação, evasão, enfim da qualidade do trabalho fim da escola – a formação do cidadão, do aprendiz, do futuro profissional, dos cientistas, dos artistas, dos participantes da construção do país. Toda esta imensa tarefa social, pedagógica e política não se faz nos dias de hoje sem alta tecnologia.

A função do gestor ganha dimensões, não se restringe, como ao longo dos anos, aos aspectos meramente burocráticos, de ordem administrativa. A partir do redimensionamento do espaço escolar devido aos avanços tecnológicos e científicos, o gestor e o coordenador também ganham novos perfis e novas atribuições que devem reorganizar o contexto escolar como criar parcerias, romper com a forma bancária do ensinar e aprender, mudar o fazer que deverá decorrer de um trabalho coletivo com investimento no ser e no aprender, dentro de um processo reflexivo sobre e na prática pedagógica. Esse procedimento origina-se do novo olhar, da nova concepção sobre sujeito e sociedade; e, a partir dessa perspectiva, ressignificar as ações desenvolvidas na escola, criar condições através das diferentes possibilidades da utilização das tecnologias para diferentes situações de aprendizagens, de participação e envolvimento, de modo a oportunizar o trabalho colaborativo. É importante ressaltar que o gerenciamento das TIC na escola só será possível a partir da formação contínua de todos os envolvidos na escola, com a participação fundamental do gestor e do coordenador pedagógico para que possam refletir sobre suas práticas, experimentar, analisar, trocar experiências, fazer parcerias, elaborar e produzir conhecimento. Ao agir nessa intenção, os gestores explorarão as potencialidades e especificidades das tecnologias disponíveis na escola, além de incentivar e fomentar a utilização das TIC pelos demais educadores.

A televisão é um dos mais poderosos veículos de massa, presente quase em todos os lugares, atingindo a diversos e diferentes públicos e classe social. A mensagem televisiva tem vários objetivos como informar, formar, entreter, manipular, influenciar, persuadir, dentre outros. Através de suas distintas mensagens, a televisão vende o seu produto, suas ideologias, as quais precisam ser identificadas, desveladas e analisadas pelos educadores para que possam auxiliar o aluno na compreensão delas.

Conforme Kenski (2002, p. 46):

A mídia televisiva como tecnologia de comunicação e informação invade o cotidiano e passa a fazer parte dele. Não é mais vista como tecnologia, mas como complemento, como companhia, como continuação do espaço de vida das pessoas. Por meio do que é transmitido pela televisão, as pessoas adquirem informações e transformam seus comportamentos. Tornam-se “teledependentes”, consumidores ativos permanentes e acríticos de tudo o que é oferecido pela televisão. Este é um dos maiores desafios para ação da escola diante do que é veiculado pela TV. Aos professores é designada a importante tarefa de refletir com os seus alunos sobre o que é apresentado pela televisão, suas posições e problemas. Reconhecer a sua interferência no modo de ser e de agir das pessoas e na própria maneira de se comportar diante do seu grupo social, como cidadãos.

A autora alerta para a relação íntima que a televisão cria e estabelece com o telespectador, a qual na maioria das vezes interfere no comportamento de crianças e jovens, principalmente, os de classe menos favorecidas, por utilizar a TV como única forma de lazer, uma vez que lhes são negados, pelas próprias condições sociais, outras formas de diversão. Não se pretende aqui afirmar que essa clientela é a que consome mais televisão, pois várias crianças e jovens de outras classes sociais, intimidados pela violência, têm-na como uma das formas de entretenimento, e, em assim sendo, assistem à telinha sem a presença de um adulto para trocar ideias, discutir sobre o que está sendo veiculado, e a consomem acriticamente.

A escola, como instituição formadora de cidadãos, que auxilia a descortinar o mundo, a ler criticamente e a se posicionar diante das questões que o permeiam, não pode e não deve negligenciar aos educandos o direito de aprender a interpretar e compreender a mensagem televisiva. Não é mais possível tomar postura do ponto de vista dos apocalípticos, que entendem a televisão como mal crônico, responsável pela disseminação das mazelas do mundo, tampouco ignorá-la, tratá-la de maneira indiferente como se não fizesse parte do cotidiano da vida das pessoas e como se estas não se encontrassem nela, através da representação de sua história de vida, do desejo, do sonho, da fantasia e da ficção.

A formação nas tecnologias em linguagens audiovisuais deve proporcionar ao professor condições de compreender criticamente as mensagens veiculadas pela televisão, tornando o professor crítico, seletivo e exigente. A televisão como formadora de comportamento e opiniões tem participação significativa na formação das pessoas, e o educador como agente responsável pela construção do conhecimento e mediador do processo ensino e aprendizagem precisa e deve encarar a televisão como aliada. Assim, o professor deve tê-la como uma ferramenta pedagógica, buscando interpretar as mensagens veiculadas, conhecendo suas especificidades, funções, limitações pedagógicas, com o fim de compreendê-la como um recurso a mais, a fim de ser explorado, visando à aprendizagem dos alunos.

As mensagens televisivas chamam a atenção, encantam, atraem, repulsam, comunicam algo que se aproxima mais das emoções das pessoas. O contato com o visual remete à alegria, à dor, ao prazer. As imagens falam, e, nem sempre acompanhadas de textos, tornam-se de difícil compreensão, uma verdadeira incógnita. É preciso saber ler as entrelinhas, o que as acompanham, o que está por trás de suas cores, traços, contornos e expressões.

As imagens podem denunciar, induzir, divulgar, informar e influenciar. Acompanhadas de sons, elas causam forte impacto, e levam a mensagem ao público de forma mais intensa e envolvente.

Textos, sons, cores, movimentos e imagens presentes nas propagandas, programas, documentários, filmes, telejornais, novelas e outros precisam ser lidos e interpretados pelos professores para que estes possam selecionar determinados elementos e inseri-los na escola, a fim de auxiliar os educandos a ler criticamente o que é veiculado na televisão. Tanto as mensagens que abordam temáticas que sensibilizam e despertam, por ser agradáveis, por falar de amor, solidariedade, amizade, ética, quanto as que chocam e agredem, por colocar o telespectador defronte à violência, atitudes animais, preconceitos, entre outras mensagens que devem ser utilizadas, desveladas e analisadas na sala de aula, para levar os educandos à reflexão, à discussão, a se posicionarem diante de problemas reais, mesmo que por meio da ficção, ludicidade, mas que traduzem valores e ideologias.

Gadotti (2003, p. 51) assim se posiciona:

A criança passa muito tempo sentada diante da televisão porque sente prazer em ficar lá. O que o professor fala não exerce o mesmo fascínio da TV. Cada vez mais as crianças chegam à escola transportando consigo a imagem de um mundo-real ou fictício, que ultrapassa em muito os limites da família e da comunidade de vizinhos.

As mensagens mais variadas, lúdicas, informativas, publicitárias, transmitidas pelos meios de comunicação social entram em contradição com o que as crianças aprendem na escola. Estas mensagens surgem sempre organizadas em rápidas seqüências [sic] o que, em numerosas regiões do mundo, tem uma influência negativa sobre a capacidade de manter a atenção, por parte dos alunos e, portanto, sobre as relações na aula. Passando os alunos menos tempo na escola do que diante da televisão, a seus olhos é grande o contraste entre gratificação instantânea oferecida pelos meios de comunicação, que não lhes exige nenhum esforço, e o que lhes é exigido para alcançarem sucesso na escola.

A escola ainda se limita muito aos conteúdos livrescos, apresentados e trabalhados de forma fragmentada, uniforme, com discurso homogeneizante, com pouco espaço para considerar a subjetividade, reforçados pelo contexto escolar. Não é possível mais ignorar a televisão como fonte de informações, acontecimentos sociais, culturais, econômicos e políticos que cercam a vida real e por vezes são tratados de forma dinâmica, cômica, atraente, convidativa, propondo discussões, enquetes, aguçando a curiosidade, utilizando-se do poder de sedução e conquista para atrair o telespectador e levá-lo a interagir.

A televisão deve ser encarada como uma grande aliada; dispensá-la é não se comprometer com o papel de agente social que o professor tem, é desconhecer o potencial da ferramenta, é se apossar de um saber que é efêmero, porque virão outros saberes.

A sala de aula não deve se restringir as quatro paredes, com aulas monótonas, repetitivas, cansativas, que desconsideram o movimento da vida, a dinamicidade com que os fatos acontecem. Há necessidade de desestruturar um currículo que está supostamente organizado, sistematizado, para reestruturá-lo na perspectiva de romper com determinados modelos de professor e de aluno, de ensinar e aprender, estabelecidos e arraigados ainda ao ensino tradicional.

Moran (2005, p. 97) enfatiza:

A TV fala da vida, do presente, dos problemas afetivos, a fala da escola é muito distante e intelectualizada — e fala de forma impactante e sedutora — [...], em geral, é mais cansativa. O que tentamos contrapor na sala de aula, de forma desorganizada e monótona, aos modelos consumistas vigentes, a televisão, o cinema, as revistas de variedades e muitas páginas da internet o desfazem nas horas seguintes. Nós mesmos como educadores e telespectadores sentimos na pele a esquizofrenia das visões contraditória de mundo e das narrativas (formas de contar) tão diferentes dos meios de comunicação e da escola.

Na Sociedade da Informação, o educador deve estar sintonizado com as informações veiculadas no mundo e preparado para analisar, discutir, confrontar, comparar, socializar,

reelaborar, enfim estar aberto às aprendizagens. O ato de se colocar continuamente como aprendiz modifica o comportamento do educador, e leva-o a interagir melhor com o aluno, passando a compreendê-lo e a respeitar suas vivências e singularidades. Ademais, o fato de se ver do outro lado inquieta o professor, move-o na busca de melhores condições de propiciar a aprendizagem do seu alunado, tornando a sala de aula viva, intensa, no qual o mundo está presente, não havendo ruptura escola-mundo.

As temáticas que são abordadas na televisão estão presentes implícita ou explicitamente nos conteúdos curriculares e, por vezes, são tratadas pela escola de forma mecanicista, fragmentada, descolada do mundo, do contexto histórico, social e político. Uma temática introduzida a partir da televisão ou de um bom vídeo utilizado para sensibilizar os alunos é uma excelente estratégia, desde que haja uma ação intencional e planejada.

Ter a televisão, DVD e\ou Datashow como recursos para compor a transformação do ato pedagógico é o professor saber estabelecer um diálogo significativo, rico e proveitoso com as TIC, no qual o foco é o processo ensino e aprendizagem, é, também, considerar e valorizar os elementos que fazem parte e marcam o universo do aluno.

Ferrés (1996, p. 96) afirma:

Se o ato de assistir a [sic] televisão é a atividade a qual os alunos dedicam a maior parte do seu tempo, se a televisão é um elemento decisivo na formação do imaginário coletivo das novas gerações de alunos, não resta dúvida de que aprender a partir da televisão facilitará e reforçará a aprendizagem porque auxiliará os alunos a vincular os novos conteúdos a conteúdos fortemente enraizados em sua psique e em sua mente.

A partir do momento que o educador desperta para a perspectiva acima apontada pelo autor e começa a ter a compreensão de que educar com a TV é uma das formas de levar o educando a obter visão ampla do mundo, ele auxilia o aluno a compreendê-lo e a interpretá-lo em diversos aspectos: social, econômico, religioso e político.

O professor, ao articular essa leitura de mundo com as distintas e diversas disciplinas trabalhadas na escola, propicia ao aluno visão multidisciplinar, não mais fragmentada e compartimentada. Ele estabelece um elo não apenas entre disciplina, mas entre professores, numa proposta de visão sistêmica de mundo. Dessa forma, a proposta de formação de professores deve ter o compromisso de auxiliar o educador a refletir, a descortinar o mundo e a impulsioná-lo a transformar suas ações.

Nesse intento, as TIC estão postas, com diversidade de linguagens, complexidade e de mecanismos para serem exploradas. Por si só, as tecnologias são apenas ferramentas, instrumentos; o propósito e a ação de quem vai utilizá-las é que farão o grande diferencial.

Importa ressaltar que não há neutralidade na educação. Educar é um ato político (FREIRE, 1998). Na postura de cada educador, em suas concepções, filosofia de vida, no discurso que defende, nos instrumentos que lança mão para conduzir o processo ensino e aprendizagem há ato político.

Portanto, que a consciência política e pedagógica prevaleça, principalmente nas condições difíceis de trabalho, a favor da luta de assegurar o respeito, a valorização, a conquista e o resgate da autoestima do educando, além de engajá-lo junto aos educadores na luta pela qualidade da educação.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

A metodologia de pesquisa utilizada foi a qualitativa, que proporcionou uma visão mais aprofundada sobre a questão do estudo. A investigação foi realizada numa escola pública de Ensino Fundamental II, localizada num bairro periférico, os sujeitos investigados foram três professoras de diferentes áreas, 02 coordenadores pedagógicos e 01 gestora. Os instrumentos para coleta de dados: pesquisa bibliográfica, observação e aplicação de questionário, com questões abertas e fechadas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados do estudo demonstraram que a incorporação das tecnologias na sala de aula, principalmente, as de linguagens audiovisuais, são muito relevantes em virtude do fácil acesso dos alunos, da influência da TV e da necessidade de crianças e jovens serem provocados no sentido de refletirem e selecionarem o que assistem. Também o resultado sinalizou que poucos professores fazem uso na sala de aula do DVD, Datashow e da televisão, ou das informações veiculadas nela, na sala de aula. O estudo revelou que faz-se necessário investir na formação docente a fim de despertar e provocar professores quanto ao uso das tecnologias na escola como forma de potencializar o fazer pedagógico.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se discute o uso das tecnologias, é importante esclarecer que só acontece mudança significativa se houver integração de todos os envolvidos no âmbito escolar, desde gestor a professores e não apenas de alguns. As transformações só poderão ocorrer se todos se engajarem na busca de melhores resultados, com a participação crítica e efetiva dos professores, para que possam dar suporte aos seus alunos na construção do conhecimento.

Para que as mudanças sejam concretizadas e praticadas é preciso que o professor perceba e acompanhe, faça uso dos recursos tecnológicos com objetivos pedagógicos de forma intencional, tenha postura de mediador e incentivador do aluno, a fim de que juntos possam construir o conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALMEIDA, Maria E. B.; ALMEIDA, Fernando J.; FRANCO, Mônica G.; RUBIM, Ligia; SAPUCAIA, Flávio. A Parceria gestão escolar e tecnologias: um sucesso de muitas mãos. In: Maria Aglaê de Medeiros Machado. (Org.). **Progestão: construindo saberes e práticas de gestão na escola pública**. 1 ed. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Educação - Consed, 2006.
- FERRÉS, Joan. **Televisão e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.
- KENSKI, Vani. **As tecnologias na educação básica**. Boletim Salto para o Futuro, Mec/ Seed 2002.
- MORAN, José M. Desafios da televisão e do vídeo à escola In: ALMEIDA, Maria E.B. (Org.). **Integração das tecnologias na educação**. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.
- ORSOLON, Luzia A. M. O coordenador pedagógico e o espaço da mudança. In: ALMEIDA, Laurinda R. e PLACCO, Vera M. N. S. (Org.). **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

SOUZA, Vera L. T. O coordenador pedagógico e a constituição do grupo de professores In: ALMEIDA, Laurinda R. (Org.) **O coordenador pedagógico e o espaço de mudança**. São Paulo: Loyola, 2003.

SARMENTO, Maristela L.M. O coordenador pedagógico e o desafio das novas tecnologias In: ALMEIDA, Laurinda R. (Org.) **O coordenador pedagógico e a formação docente**. São Paulo: Loyola, 2003.